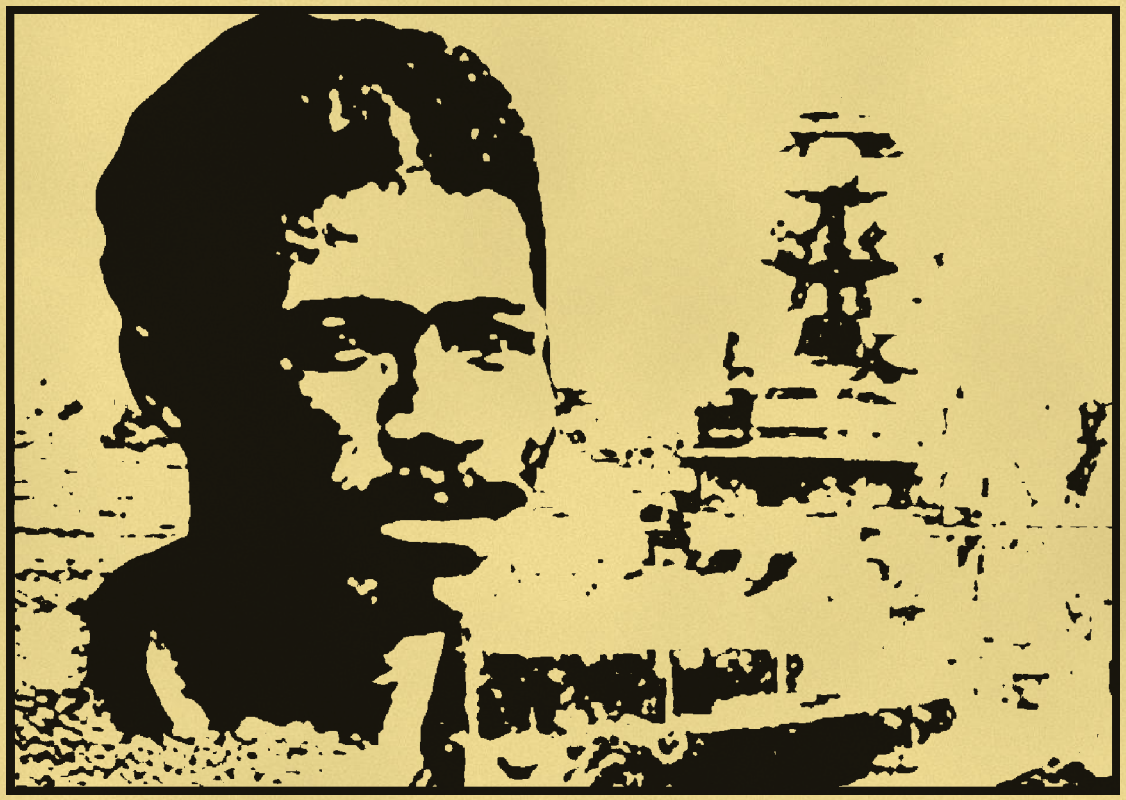
LITERATURA DE CORDEL

A REVOLTA DA CHIBATA

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

INTRODUÇÃO

Bebendo em sua obra
Inédita e exata,
Presto aqui homenagem
A Morel por *gol de placa*,
Resgatando o marinheiro
João Cândido, brejeiro,
Na *Revolta da Chibata.*

Na sua elaboração,
Dez anos de entrevistas,
De pesquisas, de leituras,
Papeladas imprevistas,
Esgotando o previsível
Buscou onde foi possível:
Jornais, livros e revistas.

Resistências enfrentou
Ante instigante tema,
Sua obra questionou,
Emparedou o sistema.
Com pusilanimidade,
Desrespeito de verdade:
Presidente Afonso Pena.

Evaristo de Morais,
O Filho, nesta edição,
Em prefácio contundente
Mostra a seu modo então
Que a *Revolta da Chibata*,
Neste tema, iconoclasta,
Foi a única incursão.
Evaristo reafirma
Neste prefácio citado:
“Sempre foi bem crucial
O problema apresentado,
Desde o Brasil-colônia

Sem a menor parcimônia
Ele é ratificado.

Os oficiais provinham
Da Nobreza, dos Senhores
Rurais ou da Burguesia;
Os quadros inferiores
Eram compulsoriamente
Pegos e impunemente
Obrigados aos horrores.

No Império, a Marinha
Teve foro especial,
Isso motivado pela
Predominância naval
Contra o Paraguai de Francia,
Onde a *Tríplice Aliança*
Foi vencedora, afinal.

Na República, entretanto,
O Exército mudou
O pêndulo da balança,
Seu poder predominou.
A Marinha, intimista,
Conservou-se monarquista,
Mas Floriano a domou."

A *Revolta da Armada*
Que em noventa e três surgiu
Foi tentativa frustrada
De um Império já servil.
Parte da sua Marinha
Reage e luta sozinha
Contra o poder do Brasil.

A partir do novo século,
Mil novecentos e seis

Nova e possante esquadra:
A Marinha se refez.
Encouraçados, senhores
E possantes cruzadores
A recolocam de vez

No pódio entre armadas
Do planeta, sim senhor;
Na América Latina
É campeã com louvor;
Sua oficialidade
Elitista, é verdade,
Tem perfil conservador.

Pra marujara, entretanto,
Tavares Bastos bem diz:
“Vinha sempre o rebotalho,
De vivência infeliz;
Ex-escravos, descontentes,
Nas cidades, sim, presentes,
Contrastando a matiz.

Não havia disponível
Pessoal suficiente
No país para ocupar
E preencher totalmente
Os postos inferiores,
Prevalecendo valores
Da lúmpen inconsequente.

O problema principal
Para a lúmpen marujada
Era o respeito ao tempo
De Marinha, engajada:
Muito mais de vinte anos,
Além dos pensados planos,
De vida sacrificada.”

Pra Tavares, o pior
Inda naqueles instantes
Era quanto à disciplina
Com castigos humilhantes,
Pra conter a marujada
Sempre muita chibatada
De oficiais arrogantes.

Claro, esse procedimento
Aliando à imposição
De impedimento de baixa
Com vinte anos de ação
Estimula ao marinheiro
Que no descuido primeiro,
Pratique a deserção.

Tudo muito piorou
Nessa administração;
Todo tipo de trabalho,
Marujada atuação.
Para complicar, senhores,
Há também os remadores
Do chefe à disposição.

Num país onde não há
Um polo industrial,
Marítimo nem de pesca
É até bem natural
De mão-de-obra carência,
Há que ter inteligência
Pro quadro de pessoal.

Vem de longe a intenção
De revolta na Armada,
É grande a insatisfação
Grassando na marujada.

Benefícios, é verdade,
Só pra oficialidade;
Pros marinheiros, então

O mesmo que pros soldados,
Ignorados que são
Embora sejam a base,
Sempre à postos, de plantão;
Soldo insignificante,
Castigos a todo instante,
Com chibata, punição.

Fatos de sessenta e dois
Inda estão atuantes
Em novecentos e dez
Com efeitos redundantes
Práticas oficiais:
Os castigos corporais,
Elitistas, humilhantes.

Na proclamação postada,
Os marujos revoltosos
Pedem fim desses castigos,
Para eles, acintosos.
Marinha não é fazenda,
A escravidão é contenda.
São projetos enganosos.

Segundo Gastão Penalva,
O castigo aviltante
Vinha da escravidão
Não é para um comandante.
Resgate o que foi de classe,
Mas que ainda é de praxe,
Tradição bem aberrante.

Lembra a cena da sevícia

Do *Bom Crioulo* de *Caminha*,
Em um navio de *Saldanha*,
Postura mais que mesquinha.
Depois de cem chibatadas,
Vinte cinco *autorizadas*,
Seu corpo afinal definha.

Saldanha era chibateiro
Muito especializado,
Apesar da sua origem
Na fidalguia educada.
Aliás, a qualidade
Daquela oficialidade
Por Saldanha é retratada.

Gilberto Freire nos mostra
Bem adjetivamente.
A qualidade exposta
Quase inconscientemente:
Fidalgos, aristocratas,
Eugênicos, raízes natas,
Militar garbosamente.

De outro lado, marujos,
Pobres e ignorantes,
Negra, sem modos, mestiça,
Sob humilhações constantes;
Próximos fisicamente,
Distantes socialmente,
Por posturas arrogantes.

Zé Murilo de Carvalho
Sobre as intervenções
Militares brasileiras
Mostra que dessas ações
Apenas a da Chibata,
A marujada, constata,

Teve participações.

Por isso classificada
De Revolta Popular,
Controlada por marujos
De origem bem vulgar;
Baixos estratos, verdade,
Da nossa sociedade
Pra Revolta comandar.

Francisco Dias Martins
O Mão-Negra, cearense,
Cérebro de toda ação;
João é sul-rio-grandense,
Cândido, de sobrenome,
Mostrou todo o seu renome
Um digno rio-pardense.

Ambos, aparentemente
Não eram politizados,
Os trabalhadores eram
Bastante *anarquizados*.
Os marujos, entretanto,
Não demonstraram encanto
Pelo anarquismo *dopado*.

Pela Lei de Expulsão
De novecentos e sete,
Quando esses estrangeiros
Foram expulsos como peste;
A Chibata foi bem vista,
Ao contrário do anarquista,
Perseguido, inconteste.

Como retificação
Do real desses eventos,
Nos jornais daqueles anos

Não há pronunciamentos
De algum parlamentar
Que venha a insinuar
Marujos alinhamentos.

Não há dúvida, porém,
Que os grupos anarquistas
E os contrários ao governo
Consideraram benquista
A Revolta da Chibata,
Que a indisciplina acata,
Mostrou-se antiideologista.

O motivo principal
Que a Revolta anuncia
Em novecentos e dez
Toda a marujada via:
Os castigos rigorosos,
Selvagens, indecorosos:
Chibatada-ideologia.

Outro ponto a destacar,
Ocorrido nos porões
Do Satélite em dezembro;
Dezenas de execuções:
Revoltosos marinheiros
E também de fuzileiros,
Além de outros senões.

Dos dezoito enjaulados
Nas masmorras sem perdão,
João Cândido também
Quase foi à execução
Na solitária insalubre,
Com água e cal amiúde,
Escapou por pouco então.

O *Satélite* partiu
Sem a menor parcimônia
Com uma *carga* rejeitada
Em direção à Amazônia:
Prostitutas, marinheiros,
Mendigos, aventureiros,
Dispensando cerimônia.

É verdade que o massacre
No Satélite ocorrido
Acabou denunciado
Pela imprensa com sentido,
Do *Correio*, do *Diário*,
Do *Século*, solidário,
Do Edmundo aguerrido.

É importante destacar
Que os fatos em questão
Se tornaram conhecidos
Após o *sítio*, então,
Maio do ano seguinte;
Ruy mostrou todo o acinte
Da cruel perseguição.

Barbosa Lima discursa
Na Câmara em setembro
Sobre excessos praticados
Pelo governo, alembro,
Prendendo sem sinecura,
Submetendo à tortura
Anarquista e não-membro.

Ratifica que também
De cinco a sete centenas
No *Satélite* jogados
Sem computadas as penas;
Mas já estavam *julgados*,

Na Polícia condenados
Em maliciosas cenas.

Ruy Barbosa, em discurso,
Em palavra arrasadora
Erradica os apartes
Com réplica esmagadora:
"Tamanha leviandade,
Grande monstruosidade;
República coatora.

No Brasil não se organiza
Exército pra estrangeiro
Evitar e proteger
Nosso povo brasileiro,
Se organiza, entretanto,
Atacando-se portanto
O civil alvissareiro.

A presidência atual
Fez anistia rufando
Tambores internamente,
Ao mundo apregoando;
Os cadáveres expostos,
O governos e seus prepostos
Como réus se colocando"

Disse ainda no final
Do discurso, que gravadas:
"O *Satélite* e as *Cobras*
Não serão ignoradas.
Ficarão entre verdades,
Como monstruosidades
Gratuitas, improvadas".

Este livro de Morel
É bem mais que reportagem;

Estilo vivo, agradável,
Pra História é homenagem;
Mostra ter seriedade,
Com fontes, mostra verdade,
Descartando panfletagem.

CONSPIRAÇÃO

Uma esquadra estrangeira
Se encontrava fundeada
Na Baía para a posse
De Fonseca, badalada
Por boa parte da imprensa
Que registrava a presença
Da elite eletrizada.
O cenário carioca
Era bem especial,
Nos *Teatros* e no *Circo*,
O drama e o musical;
O Cabaré *Mignon*
Provocava o frisson
Com francesas, afinal.

A população local
Já passava de um milhão,
A fachada colonial
Modernizada então
Por Pereira Passos que
Fez *Central* prevalecer;
O mais novo turbilhão.

Casas de chás e de flores
Na *Gonçalves* e *Ouvidor*
E também na *Carioca*
Atraíam com esplendor.
De Bilac era o reinado,
De Amado o principado.
Tudo muito acolhedor.

Sílvio Romero, Emílio,
O Alcindo Guanabara,
Coelho Neto e João
Do Rio que já sacara.
Todo o mundo literário,
Que num vai-e-vem diário
Se assemelhava a *ocara*.

A cidade até mudou
O *footing* do Flamengo
Para a nova Avenida
Central que é novo dengo,
Que foi até comparada
À *Champs Elyssés* chamada;
O Centro não é mais capengo.

Enquanto a cidade ria
O *Minas Gerais* chorava,
O marujo Marcelino,
Sem forças já nem chorava;
Cipoal de chibatadas,
Duzentas foram contadas;
Marujada sublevava.

Condições essenciais
Pra *Revolta* planejada,
Porém por motivação,
Duas vezes adiada;
Esse suplício enfim
Acendeu o estopim;
Insatisfação gerada.

João Brígido falou:
Foi uma conspiração
Da cozinha, bem fatal,
Para a sala que então,

Insensível como sempre
Permitiu romper corrente:
Laura II no Maranhão.

O açoite, na Armada
Já havia, por decreto
Sido abolido. É a Lei!
Mas nos navios, é concreto:
Em vigor continuava,
No Batalhão se ampliava
De modo oculto, secreto.

Em novecentos e dez
O Brasil era a terceira
Potência naval do mundo,
Esquadra Branca, faceira.
Encouraçados pendores,
Destroieres, cruzadores;
Na Latina, a primeira.

O *Minas*, encouraçado,
O orgulho do Brasil,
Construído na Inglaterra
Deixou o país pueril.
Durante a construção,
Marujos como o João,
Acompanharam o fabril.

Mas dentro das belonaves
Quando em atuação,
Ocorriam vários casos
De insubordinação;
Os oficiais mostravam
Com açoites, torturavam
À *baixa* tripulação.

A REVOLTA

A noite de vinte e dois
De novembro foi marcada
Por bela recepção
À presidência empossada;
Na mesma noite, porém,
A *Revolta* advém.
Estava sacramentada.

O presidente Fonseca,
Com o Ministério ao lado
Tomou susto com o tiro,
O primeiro disparado;
A seguir, outro estampido,
Além desse som, seguido,
Vidraças por todo lado.

A informação chegou:
A Marinha sublevada!
Retificado depois:
Controle da marujada.
Minas Gerais no comando,
São Paulo subcomando,
Deodoro em retaguarda.

João Cândido no *Minas*,
Chefe da insurreição,
Gregório e Avelino
Completavam a direção
Da *Revolta* executada,
A cidade aprisionada
Com o governo de plantão.
Era sabido por todos,
A Marinha era usada
Modelo de correção;
O pessoal recrutado
Para navios guarnecer
Era a escória, no dizer

De foro especializado.

O governo bem tentou
Modernizar a Esquadra,
A mente do marinheiro
Não foi porém enquadrada.
Todo o recrutamento
Inda naquele momento
Lembra a *Cochrane* armada.

Quando Hermes da Fonseca
Ao *Catete* retornou
A mensagem da *Revolta*
O Rádio então informou:
"Fim da Chibata queremos,
Senão bombardearemos
A cidade", confirmou.

A população só soube
Sobre os tiros de canhão
Na manhã, pelos jornais,
Que informaram à exaustão.
Subiu morros, foi à praia,
Até onde a vista espraia;
Vê as naves em ação.

Também de manhã chegou
Até o cais do *Arsenal*
Em lancha de insurretos
Com corpo de oficial:
Batista das Neves. Sim,
José Cláudio, seu afim.
Foi no *Minas*, afinal.

De vários depoimentos,
O autor bem computou:
Há versões bem variadas

Para o fato que causou
Uma grande comoção,
Marujada insurreição
Que o governo assustou.

Oficiais, marinheiros,
Alto e baixo escalão,
Dos dois lados se perderam
Vidas nessa insurreição.
Tudo causa, é verdade,
A perene impunidade
De chibatas punição.

Cândido, anos depois,
Passou a me relatar:
“Pensamos no dia quinze
De novembro iniciar,
Mas o forte temporal,
Mais o desfile naval
Nos fizeram adiar.

Planejamos nova data:
Vinte e quatro/vinte e cinco,
Mas o *show* no Marcelino
Nos forçou a abrir o trinco;
Houve unanimidade,
Foi pusilanimidade
Por isso o nosso afinco.

Ficou marcado então
Que no dia vinte e dois
Ela seria lançada,
Não teria mais depois;
Cada um tomou seu posto,
Cada canhão, seu *encosto*,
Demos o *nome aos bois*.”

Aquela noite a cidade
Conheceu novo *senhor*:
João Cândido, o marujo
No *Minas Gerais* andor.
As *Fortalezas* calaram,
Governantes tiritaram
Mas não de frio, de pavor.

João Cândido, obscuro,
Perdido na sordidez
Dos porões com a marujada,
Todos com similar tez
Passa a árbitro então,
De nebulosa nação
Que os ouvirá talvez,

Pois a cidade estava
Toda à sua mercê,
Os canhões davam as ordens,
E cabia obedecer.
Almirante de verdade,
Com toda a dignidade,
Comandava sem blasê.

Gilberto Amado comenta
Acerca dos marinheiros:
"Dispensam os instrutores,
São navegantes faceiros;
Cândido é formidável,
Comandante inigualável,
Digno dos companheiros!"

Movimentação constante
A esquadra realizava,
Além dos encouraçados,
Cruzadores na pegada:
Deodoro, *Floriano*,

Seguem o traçado plano
Feito pela marujada.

Edmar nos lembra então
Que o Pinheiro Machado
Demorou para entender:
Tudo imobilizado,
O Exército e a Marinha.
João Cândido mantinha
Como seu protetorado.

Pragmático, no entanto,
Pessoa acostumada
A ser sempre vencedor,
A não arriscar jogada,
Enviou um emissário
Para se mostrar solidário
Com aquela marujada.

Na volta, seu emissário
Apenas ratificou
Os motivos que levaram
À *Revolta* que aflorou:
Baixos soldos, os maus tratos,
Marinheiros chibatados.
Sublevar, o que restou.

José Carlos de Carvalho,
O político emissário
Trouxe enfim a mensagem
Dos marujos, ideário:
Que ela seja aprovada
Ou a Pátria aniquilada;
Doze horas pro cenário.

Comunicados constantes
Feitos pela marujada

Então logo se espalharam,
Ela estava motivada.
Ministros, a Presidência,
Câmara em deferência,
Posição ratificada.

O governo estava então
Em frente a um problema:
O motim era um fato
E para ele um dilema;
Sem poder retaliar
Aceitou negociar,
Anistia entra em cena.

A Revolta da Esquadra
Levada em noventa e três
Foi política, porém,
Essa de agora, por vez,
Buscava dignidade
Pros marujos, é verdade,
Não aceitava um talvez.

VITÓRIA
De um lado está um grupo
De marujos decididos,
Do outro está um governo
Com ministros deprimidos.
Injustiçadas ações
Contra várias gerações
De direitos desprovidos.

Foi quando o senador
Ruy Barbosa, laureado
Por Civilista apresenta
Pra votação no Senado,
Um inédito projeto
De anistia, decerto,

Para ser referendado.
Houve até alguns apartes,
Vários deles discordantes,
Eram da Armada, a pressão
Feita naqueles instantes.
“Pro poder instituição
É desmoralização.
Medidas impactantes”

Outras, razoavelmente,
Aceitavam a anistia.
“Não é prova de fraqueza!”
Como até já se dizia;
Mas magnanimidade,
Grandeza, maturidade,
Sim, chibata existia.

Nessa questão, entretanto,
O maior interessado:
O governo federal,
Com o poder ameaçado
Pelos canhões da esquadra,
Por marujos controlada;
Quer o motim controlado.

Bajuladores afluem,
Propostas mirabolantes;
O Catete fervilhava
De ideias inconstantes.
Do governo se cobrava
Reação séria, aguardava,
Medidas determinantes.

Bittencourt da Silva diz
Na Câmara, discursando:
“O chaleirismo afinal
Está desencaminhando;

Ele dá merecimento
Às promoções, provimento,
Que funções desempenhando."

Ruy Barbosa no final,
Discursando, enfatiza:
"Acredito no projeto
Que a anistia simboliza.
Não é capitulação,
É chamada à união
Que a Nação prioriza."

Pinheiro Machado, ainda
Reforça essa posição:
Receio da marujada
No descumprir dessa ação.
Primeiro anistiar
E depois retificar,
Lhes impondo a punição.

João Cândido, no *Minas*,
Senhor da situação,
Assiste de camarote
Toda aquela discussão:
"Já passou pelo Senado,
Amanhã será votado
Na Câmara, em sessão!"

Críticas de todo lado:
De militar, de civis:
"O país foi dominado
Por negros marujos vis
Que senhores dos canhões,
Impuseram condições."
O *Fanfulla* bem o diz.

Imprensa de todo canto,

Nacional e estrangeira,
Analisam, publicando
A *Revolta* pioneira,
Feita pela marujada,
Notícia mais publicada
Pela página primeira.

Estava finda a *Revolta*,
João era semideus,
Os marujos, entretanto,
Desconfiam, benzadeus!
Acertaram plenamente,
O governo, infelizmente
Se enfiou em *hipogeus*.

A *Revolta*, entretanto,
Teve infame desfecho;
Com a esquadra retomada,
Tortura tem recomeço;
Quase todos massacrados,
Muitos mortos, torturados.
Foi muito caro o preço.

A *Revolta da Chibata*
Difere do *Potemkin*;
A primeira por castigos,
A outra, comida, sim.
Em ambas, degradação
Da humana condição
Pelas elites, enfim.

A manhã de vinte e seis
Era linda, ensolarada,
Parecia recebendo
Toda aquela marujada;
Arriada a bandeira,
Violência costumeira

Contra a tropa anistiada.

João Cândido e seus
Companheiros de jornada
Foram presos nas masmorras,
Das Cobras, bem escavada;
Dezoito meses, terrível.
Nisso tudo, é incrível
Ter a vida preservada.

MASSACRE
Os dias pós-anistia
Passaram sem novidades,
Missas foram celebradas
Em memória.
A imprensa, como sempre,
Do poder se fez presente,
Negando a legalidade.
As diversas homenagens
Prestadas diariamente
Aos oficiais do Minas
E do São Paulo, presente:
Monumento foi pensado,
Pro Batista, massacrado,
E a Câmara consente.

João Cândido no Minas
Bem que tentou reunir
Seu comitê da Revolta
Para os rumos decidir.
Estavam desembarcados,
Pra terra foram mandados;
Sina triste, o seu porvir.

Sentia-se plenamente
Nos jornais, noticiário,
Que a forçada anistia

Fez do governo sicário.
Por isso que receosos
Buscaram esperançosos
Ruy e Pinheiro, ideário.

Infrutífera investida
Fizeram os marujadas;
Dos jornais, as redações
Também foram visitadas;
Tudo isso inutilmente,
Apreensões certamente
Logo estão disseminadas.

João Cândido ainda,
Típica ingenuidade,
Criticou os companheiros
Temendo adversidade,
Minimizando os cuidados:
“Nós fomos anistiados.
Homens livres, é verdade!”

Mas o decreto oito mil
E quatrocentos marcou
O início da revanche
Que a anistia marcou:
Dar baixa por exclusão,
Por disciplina questão,
Que os navios esvaziou.

Na madrugada de quatro
De dezembro, em Piedade
Vinte e dois são acusados
De conspirar de verdade.
Ilha das Cobras, prisões
E também nos batalhões
Prisões sem legalidade.

Boatos de uma nova
E real sublevação,
Como pólvora se alastra
Por navios e Batalhão.
Os boatos como um séquito
Diziam que o Exército
Tomaria posição.

Na Ilha das Cobras, às
Vinte duas foi ouvido
O toque de avançar,
Acelerado, premido.
Com “vivas à liberdade!”
Muitas praças, é verdade,
Como feras num bramido.

Quase imediatamente
Começou o bombardeio
Dos navios já fundeados
Com o Exército de esteio.
Batalhão Naval então
E os praças de *plantão*
Bombardeados em cheio.

Amotinados então,
Os marujos rechaçados
Se renderam, hastearam
Bandeira branca. Negados.
O Catete, dessa vez,
Não disse nem um talvez.
Outra vez bombardeados.

O governo desejava,
Isso era a verdade,
Ver o *Sítio* aprovado
Com toda celeridade:
“A anarquia, a indisciplina,

A marujada domina,
Seu fim pede brevidade.”

Marujos das guarnições
Dos navios no *Arsenal*,
João Cândido, incluído
Foram presos, afinal.
Para prisões militares
Foram os presos pilares,
Pra controle oficial.

João e seus companheiros
No *QG* foram parar;
A *Casa de Detenção*,
Para alguns foi o lugar;
Nos xadrezes da *Central*
Amontoado geral
De todo tipo e lugar.

O Estado de Sítio foi
Mesmo com oposição
Implantado sem problema.
Teve fácil aprovação.
Maioria esmagadora
Da Câmara opressora.
Pro governo é solução.

SATÉLITE

A história do *Satélite*
É bastante monstruosa;
É difícil encontrar
Palavra mais dolorosa
Para o nele ocorrido
Pra todos apreendidos:
Reprimenda pavorosa.
A vinte e cinco, dezembro
O *Satélite* zarpou

Com centenas de pessoas
Que o governo apresou,
Os mandando pra Amazônia
Sem a menor cerimônia.
Só uma parte lá chegou.

O navio com sua carga
Humana e desgraçada
Deixou o porto do Rio
Secretamente, velada.
Afinal, eram escória,
Prum governo sem memória,
Qual no esgoto abrigada.

Dias depois no Jornal
Folha do Norte seções:
"O Satélite carrega
Facínoras e ladrões,
Cáftens e desordeiros,
Revoltosos marinheiros,
Meretrizes e brigões."

E listava a quantidade,
No total quase quinhentos.
Alguns foram executados
Nos iniciais momentos.
Até dia treze em Manaus,
Cerca de dez homens *maus*
Foram enfim descartados.

Duzentos para *Rondon*
Vários para os seringueiros,
De modo que dia três
Do corrente fevereiro
O navio desembarcou
Toda a carga que levou:
Centenas de brasileiros.

Variados relatórios
Feitos pelos militares
Que à bordo do navio
Mostram-se bem similares.
O trabalho de descarte
Daquela escória com *arte*.
Requintes peculiares.

Doze anos decorridos
Desse crime monstruoso,
Artur Bernardes então,
Desterrou, tão pavoroso
Pra Clevelândia nefasta,
Oficiais já sem pasta.
Procedimento espantoso.

Assim, Hermes da Fonseca
Condenou àquela escória
Pra inóspita Amazônia,
Artur Bernardes é história.
Ambos, com todo *louvor*
Desterraram pro terror
Cidadãos à vida inglória.

COVARDIA

João Cândido deixou-se
Seduzir pela promessa
Do governo com anistia
Mas ficou no *ora essa!*
Com dezessete jogados
Nas masmorras bem trancados
Bem ligeiro, bem depressa.

Há vários depoimentos
De amigo a carcereiro,
De Marcelino Menezes,

Das chibatadas, *costeiro*.
Marques da Rocha, *chefão*,
O *ferrabrás* na prisão,
De água e cal foi useiro.

João Cândido relembra
Daqueles fatos de outrora,
De tão forte na memória
Como se fosse agora.
Dezoito da marujada
Insurreta na Armada
E depois jogados fora:

"Foi horrível, foi cruel!
Dos dezoito camaradas
Na solitária fechados
Dezesseis são trucidadas.
Água e cal nos consumiram,
Como chamas consumiam,
Almas então condenadas.
A prisão era pequena
E muita água minava
Encharcando todo canto,
Parte dela empoçada.
O ar abafado, então,
Paredes com pichação,
Temperatura elevada.

Naquele tosco ambiente
Tínhamos a sensação
De que estávamos sendo
Cozidos num caldeirão.
Pele sede, corroídos,
Alguns bebiam, sofridos,
A própria urina então.

As nossas necessidades

Eram feitas num barril
Que transbordando, tombou,
Nos deixando mais febril.
Então pra desinfetar,
Água com cal no lugar.
Que atitude mais vil!

Num canto da cela tinha
Um declive acentuado;
Com a evaporação
Cal ficou acumulado;
O pó branco, venenoso,
Nos matando, silencioso.
Movimento controlado.

Na masmorra, se sabia,
Pão e água é alimento,
Mas o calor sufocante
Nos causava cozimento.
Gritamos, mas o *rufar*
Fez nossa voz abafar.
Houve desfalecimento.

Nuvens de cal se agitavam,
Por vários absorvidos,
Invadindo os pulmões,
Sufocando os já feridos.
Na tremenda escuridão
Mortos caíram no chão.
O silêncio dos sofridos.

Quando a porta foi aberta
Já havia podridão.
Pau da Lira, estivador
E eu para a salvação.
Depois da cela lavada,
Nossa casa isolada;

Eu até a internação

Que ocorreu em Botafogo:
Hospital de Alienados,
Para onde fui mandado
Como louco, internado.
Mas após vários exames
Perceberam quanto infames
Erros me foram imputados.

No Hospício a vida era
Bem menos atribulada;
Tive até a liberdade
De sair de madrugada.
O nobre Dr. Moreira
Me tratava de maneira
Bem humana e educada.

Tentei até escrever
Minhas memórias, verdade;
Mas logo interrompi
Ante a adversidade,
Pois voltando pra masmorra,
Destruíram sem pachorra
Meu *Sonho de Liberdade*."

JUSTIÇA
João e os companheiros,
Leais colaboradores
Ficaram sim, isolados
Pelos mandates humores;
Impedidos de verdade,
Sem acesso à liberdade;
Dezoito meses, senhores.

O regime prisional
- todos sabem – em questão,

Contém água e bolachas.
É nefasta refeição.
Além, de modo perene,
Ampla falta de higiene,
Dormindo no barro-chão.
A Irmandade do Rosário
Dos Pretos, a protetora,
Contratou advogados
Pra tarefa defensora:
Jerônimo, Caio e mais
Evaristo de Morais
Contra a Mesa Promotora.

Esses nobres defensores,
Muito justos, é verdade,
Impuseram condições
Pra buscar a liberdade:
Por eles, tudo fariam
Mas nada receberiam
Da Rosário Irmandade.

Já no primeiro contato
Foi terrível a visão:
“Os presos se encontravam
Em nefasta situação.
Só de vê-los, que tristeza!
Tuberculose, fraqueza,
Naquela infame prisão.”

João, fala Evaristo:
“Mostrou muita lucidez,
Me causou viva impressão
Apesar da opaca tez.”
Conseguiu ver a irmã,
Foi atitude cristã.
Jornais, remédios sem vez.

O processo demonstrou
Pra toda a sociedade
O descaso, a violência,
Toda a arbitrariedade.
Os preceitos postergados,
De justiça assegurados;
Do governo, insanidade.

Todos porém mantiveram
A responsabilidade
Pelos atos praticados,
Buscavam dignidade
Do Governo, competência,
Que demonstrou prepotência.
Faltou-lhe integridade.

João Cândido assumiu
A culpa pelo levante,
Assim como Tiradentes
No Inconfidente instante.
Eles entraram pra História
Apesar da sina inglória,
Injusta e degradante.

O julgamento foi longo,
Cheio de intervenções;
De vários depoimentos,
Concordâncias e senões;
Sempre porém recordando,
João esteve no comando
Das marujadas ações.

A defesa, com Monteiro
De Barros cristalizou
Tiranias, vilipêndios,
Que do Direito abusou,
Sendo juridicamente

Seleto e competente;
Sua verve demonstrou.

O julgamento durou
Dois dias de discussão;
João Cândido manteve
Sempre serena a feição.
Quando afinal, Evaristo
De Morais disse bem-quisto!
Sorriso de gratidão.

João Cândido, então
A Evaristo se chegou,
Abraçou-o como irmão,
A seguir então chorou.
Vencido pela emoção,
Tomado de gratidão,
A todos cumprimentou.

Os companheiros de luta
Com toda a sinceridade
Foram todos encontra-lo
Com rápida brevidade.
Era o compartilhamento
E o reconhecimento
Da sua autoridade.

PERSEGUIÇÃO

Desligado da Marinha
Que por dezenove anos
Serviu com dedicação
E na qual fez muitos planos,
Ei-lo agora dispensado,
Com pulmão avariado,
Sem roupa, um trapo humano.

No início procurou

Por antiga amizade
Porém nada aconteceu,
Ficou mesmo na cidade.
Com o Freitas, carpinteiro,
Teve abrigo alvissareiro;
Teve amabilidade.

Morando com o carpinteiro
Conheceu Homem de Mello,
Historiador bisonho,
Um barão já de chinelo,
Que então, diariamente,
O ouvia atentamente
Para um livro inda no prelo.

Popular em Laranjeiras
Teve em Pinheiro Machado
Cicerone em visitas,
Pra ele tendo falado
De insurreta, narrativa
E dona *Nhanhã*, cativa,
Já o deixava cansado.
Cansado de procurar
Emprego e biscatear,
No *Antonico*, um patacho,
Mares do Sul a singrar;
Era um simples veleiro
De um português-brasileiro
Que o deixou comandar.

Enfim, a primeira vez
De velho homem do mar,
João Cândido com farda
Com veleiro comandar.
Aproveitou a estada
No Sul, deu uma esticada
Para em Rio Pardo estar.

Com a sua experiência,
Progrediu e até casou
Até que a maledicência
Do *Comandante* o cassou.
Foi demitido então,
Dos Portos veio a pressão;
Desempregado ficou.

Já com filho, sem emprego
Correu atrás de embarque;
O *Ramona* apareceu,
Combater o bom combate;
Vitória-Paranaguá,
Levava café pra lá
E cereais no rebate.

No trabalho do Ramona
A saúde piorou;
Foi então pro Mearim
Onde tudo melhorou.
A branca tripulação
Não causou tribulação
E no leme se afirmou.

Sua fama se espalhou:
Ativo navegador;
Para o Ana, contratado
Teve novo dissabor;
O antigo comandante
Aparece nesse instante;
Teve que largar o andor.

O Brasil em vinte e dois
Ensaiava o Tenentismo,
João Cândido evitara
Tomar seu partidarismo;

Resolveu ser pescador,
Com um caíque de andor,
Pesca, o novo idealismo.

A rebelião de cinco
De julho de vinte e quatro
Surpreendeu a João
Que soube de Passa-Quatro;
No *Mar Virgem* embarcou,
Com ela não concordou,
Pra Isidoro, anfiteatro.

A partir de vinte e quatro
João então decidiu
Que não seria um *Tira*,
Isso nunca o seduziu.
Juntou trastes, cacarecos,
Coração em pandarecos;
Pro subúrbio então partiu.

Sumiu do noticiário,
Agora era um fantasma;
Com a mulher e os filhos,
Pra História é um *miasma*.
Pobre, doente, é verdade,
Luta com dificuldade
À base de cataplasma.

Somente em vinte e oito
Os jornais voltam então,
A quatorze de setembro
A falar sobre o João.
Sua mulher que, coitada,
Terrivelmente queimada,
Suicidou-se então.

A primeira, falecera

No ano de dezessete;
Um João bem consternado
Passou por um duro teste;
Corpo bastante doente,
Ele sofreu novamente
Atrocidade inconteste.

Pra sua surpresa, porém,
Recebeu bela homenagem
De parte da marujada,
Com *coroa* pra postagem.
Depois levaram o caixão
Para o carro no portão.
Respeito, não vassalagem.

Dez anos, depois, reprise:
A Neusa, cheia de vida,
A sua filha mais velha
Dá a sua despedida,
No mesmo dia e lugar
Pôs seu corpo a incendiar;
Imolada e sofrida.

Foi em setembro de trinta
Preso em Vigário Geral
Para informar se tenentes
Revoltosos, é real.
Logo ficou comprovado,
Por um tira tudo armado;
Foi libertado, afinal.

A ANL, entretanto,
Lhe causou boa impressão,
Porém não se inscreveu
Nessa agremiação.
Gravemente adoecido,
Novamente esquecido,

Passou dura privação.

A *Ação Integralista*
O cativou, entretanto,
Graduados da Marinha
Perfilaram nela um tanto;
João Cândido, alinhado,
Tendo Plínio a seu lado
E oficiais com encanto.

"Vesti a verde camisa,
Plínio bem me recebia".
Disse João para Morel,
Lembrando com nostalgia:
"Conversei de igual pra igual
Com qualquer oficial
Que o Integralismo seguia.

Com a *marcha* dos duzentos
Mil parando a cidade,
Eu até acreditei
Que chegara a liberdade,
Mas o *Fuehrer* sem coragem,
Não passava de *imagem*;
Perdeu a oportunidade.

Numerosos marinheiros
Tiveram carnes queimadas
A maçarico, vingança
Das forças que atacadas.
Outros sim, supliciados,
Na *Relação* atirados.
Intentona fracassada!

Um cruel fuzilamento
O governo procedeu
Contra quem o *Guanabara*

No dia 11 acorreu.
Já rendidos, derrotados,
Mesmo assim fuzilados.
Selvageria apogeu.

Mas o chefe integralista,
Plínio Salgado, afinal
Teve exílio dourado
Entre fados, bacalhau.]
Com suculentas peixadas,
Com vinho tinto regadas;
Em *Estoril*, Portugal."

CREPÚSCULO
Com cinquenta e seis vividos
Sente a vida por um fio,
Pneumonia e febre
Modificam seu perfil;
Mas o *entreposto* o espera,
Cansado, não desespera.
Sub-heroi do Brasil.

Um dia foi *descoberto*
Por Raimundo Magalhães
Da *Revista da Semana*
Que o mostraria ganhães;
João posou com caíques,
Em alguns causou chiliques.
Caiu na boca dos cães.
Cândido foi atacado
Por gente de todo lado,
Do jornalista civil
Ao militar, que fardado,
Com destaque, da Marinha
Que o seu nome amofina,
Na garganta atravessado.

A Marinha, como todo
Organismo em evolução,
Não pode ser alvejada
Por erros de outra gestão.
Mas o exemplo ficou,
A chibata não voltou
Desde os tempos de João.

Para se ter uma ideia
Da sua evolução,
Para *Aprendiz-Marinheiro*,
O Manual de instrução:
Os melhores brasileiros,
Dedicados, cavalheiros,
Chegarão a Capitão.

João Cândido a todos
Algozes sobreviveu;
Seus carrascos já morreram
Ele nunca esmoreceu;
É elogiado sempre
Mesmo estando ausente.
Caráter prevaleceu.

Foi até homenageado
Pela Câmara, em sessão,
Dando seu nome à rua
De Meriti em questão;
Luís Marques, presidente
Teve a homenagem pendente.
Não houve a inauguração.

RESSURREIÇÃO
Com trinta anos de imprensa,
Morel tinha consciência
Que livro sobre a *Revolta*
Teria sim, resistência;

Editores de *Moscou*...,
Os *Pongetti*, editou
A Chibata, consistência.

João Cândido não cria
Mais nessa publicação.
Durante cinquenta anos
Teve promessas à mão,
De escritores, jornalistas;
Conservador, progressista,
Pra contar a sua ação.

"Em nosso primeiro encontro
Na sua casa em Meriti,
João deu depoimento,
Muita franqueza senti.
Marinheiro sem instrução
Mas que lia com atenção,
Confiava num porvir.
Encontrei o marinheiro
Com um pijama surrado,
A noite em claro na cama
Sob renal complicado.
Senti, claro, pra história,
A extraordinária memória
Daquele homem alquebrado"

Os jornais e as revistas
Do Brasil logo fizeram
Do livro grande notícia
E de João bem disseram.
Era a ressurreição
Do *comandante* João;
A *fome* satisfizeram.

A Revolta da Chibata
O colocou na História;

Da poeira dos arquivos,
Para uma viva memória;
De um mesquinho ostracismo,
De um passado revanchismo,
De uma existência inglória.

A *Sociedade Floresta*
Aurora então promoveu
Ao Rio Grande, a sua ida;
Alegre, compareceu.
Foi a última e a primeira
Viagem aérea, faceira
Que João empreendeu.

Suas claras impressões
Com a mente em torvelinho:
"Lá em cima a gente é como
Penetra de outro caminho,
O céu não é para nós,
Ele pode ser atroz;
Ele é para o passarinho."

Depois de setenta anos
A Rio Pardo João voltou
Sob um nobre pretexto,
Que o município votou:
Mesada municipal,
Mudada pra estadual,
Que em oito mil ficou.

Com sua redescoberta
Emergiu à mídia então,
Passa a ser entrevistado
Por rádio e televisão.
Atitude alvissareira
Teve *Roberto Silveira*:
Duzentos mil na sua mão.

DEPOIS DE 64

Stanislaw Ponte Preta
Sobre *Edmar Morel:*
"Prestou ele um bom serviço
Com a publicação fiel
Da *Revolta da Chibata."*
Que com Cândido arremata
Chibatadas a granel.
Março de sessenta e quatro,
O Brasil era um vulcão;
Marinheiros agrupados
Sob *Anselmo*, agitação,
Que sob a CIA, exemplar,
Hierarquia anular,
Liderava insurreição.

Cândido, de boa-fé
Foi fácil aquisição
Pra marujos enganados
Pelo Anselmo, espião.
Enganou a *garotada*
À Marinha engajada,
Entendível. Mas João?

Voltando de Itatiaia,
Pára em Coelho da Rocha,
Edmar fez-lhe visita
Pra alertá-lo do acocha;
Que evitasse envolvimento
No atual movimento
Que da Marinha debocha.

Mesmo assim Cândido foi
Convidado a apoiar:
Revolta dos Marinheiros
No *Sindicato* a toar.

Disse depois, bem matreiro:
“Revolta de Marinheiro
Só dá certo se no mar!”

Foi pra João desencanto,
Mais um na atribulada
Vida pobre e doente,
Uma existência fadada.
Filhos e netos presentes,
Frutos de três casamentos,
Tranquilidade encontrada.

Seu estado de saúde
Decaía, piorava,
Pouco de casa saía,
O social rareava.
Em sessenta e nove, então
6 de dezembro em questão
Hospital se internava.

O câncer já provocara
Intensa hemorragia;
Longe do rumor das ondas,
Ao anoitecer morria.
Mas inexplicavelmente,
Claro, bem impunemente,
Pro Legal seu corpo ia.

João Bosco e Aldir Blanc,
Dois artistas luminares
Construíram belo samba,
Pôs *João* nos patamares;
Cândido, o marinheiro,
Denodado e brejeiro.
O *Mestre-Sala dos Mares!*



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013